



ciência plural

VÍNCULOS INTERPESSOAIS DE HOMOSSEXUAIS / BISSEXUAIS: A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO FAMILIAR E SOCIAL DURANTE O ISOLAMENTO DA COVID-19

Interpersonal bonds of homosexuals/bisexuals: the importance of family and social connection during COVID-19 isolation

Vínculos interpersonales de homosexuales/bisexuales: la importancia de la conexión familiar y social durante el aislamiento de la COVID-19

Iel Marciano de Moraes Filho • Universidade Paulista - UNIP • Professor do Curso de Enfermagem do Campus Brasília • ielfilho@yahoo.com.br • <https://orcid.org/0000-0002-0798-3949>

Lucas da Silva Rocha Rocha • UNIP • Egresso do Curso de Enfermagem da UNIP - Campus Brasília • enf.lucasdsrocha@gmail.com • <https://orcid.org/0000-0002-6451-9288>

Rakel de Jesus da Silva • UNIP • Egressa do Curso de Enfermagem da UNIP - Campus Brasília • rakel29silva@gmail.com • <https://orcid.org/0000-0002-5990-8705>

Rodrigo Marques da Silva • Centro Universitário Planalto do Distrito Federal - UNIPLAN • Coordenador do Curso de Enfermagem • marques-sm@hotmail.com • <https://orcid.org/0000-0003-2881-9045>

Viviane Rodrigues Tavares • UNIP • Coordenadora do Curso de Enfermagem do Campus Goiânia -flamboyant • vianevivi@hotmail.com • <https://orcid.org/0000-0002-0092-4217>

Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha • Universidade Estadual do Maranhão - UEMA • Professora do Departamento de Enfermagem do Campus Balsas • francidalmafilha@gmail.com • <https://orcid.org/0000-0001-5197-4671>

Thais Vilela de Sousa • Secretaria Estadual de Saúde do Distrito Federal - SES-DF • Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial II do Paranoá, Brasília • thais.fen@hotmail.com • <https://orcid.org/0000-0002-7498-516X>

Autor correspondente:

Iel Marciano de Moraes Filho • ielfilho@yahoo.com.br

Submetido: 23/05/2024

Aprovado: 20/10/2024

RESUMO

Introdução: Estudar vínculos interpessoais - familiares e sociais - de pessoas homossexuais e bissexuais durante o isolamento da COVID-19 é crucial para entender seu impacto na saúde mental, oferecendo suporte emocional, reduzindo solidão e aumentando resiliência de um grupo que já enfrenta altos níveis de discriminação e exclusão. **Objetivo:** Analisar as relações familiares e interpessoais de pessoas homossexuais e bissexuais durante o período de isolamento social na pandemia da COVID-19. **Método:** Estudo transversal e analítico realizado com 1411 homossexuais e bissexuais das cinco macrorregiões brasileiras, de junho a julho de 2020. Aplicou-se um questionário estruturado com questões sociodemográficas, um questionário a respeito das emoções vivenciadas na COVID-19, além do instrumento de Avaliação da Tolerância nas Relações de Amizade. As variáveis foram apresentadas em valores absolutos e percentuais, sendo expostas em medidas descritivas e para comparar os grupos quanto as variáveis de tolerância de amizade no relacionamento familiar e nível geral de tolerância, utilizou-se o teste de qui-quadrado. Valores de $p < 0,05$ foram considerados estatisticamente significativos. **Resultados:** Não houve diferença estatística significativa entre os grupos no que tange às relações de amizade; a tolerância no ambiente familiar foi satisfatória, ambos receberam ajuda dos amigos para superar as tensões relacionadas à pandemia; e os indivíduos dos dois grupos acreditam ter ocorrido mudança nas relações de amizade durante o período pandêmico. O avanço da idade ($p = 0,031$) contribui para o aumento da tolerância nas relações de amizade ($p < 0,001$). Mas ser bissexual ($p = 0,021$), apresentar nível superior ($p = 0,01$), possuir faixa de renda entre 2 e 4 salários mínimos ($p < 0,001$) e ter sofrido mudança nas relações de amizade desde o início da pandemia ($p = 0,001$) contribuem para menores níveis de tolerância. **Conclusão:** Embora haja diversos fatores que interferem nas relações interpessoais deste grupo, elas foram imprescindíveis para a superação das adversidades enfrentadas pela pandemia.

Palavras-Chave: Minorias Sexuais e de Gênero; COVID-19; Relações-Familiares; Relações Interpessoais; Mensuração das Desigualdades em Saúde.

ABSTRACT

Introduction: Studying interpersonal bonds—both familial and social—among homosexual and bisexual individuals during the COVID-19 isolation is crucial for understanding its impact on mental health, providing emotional support, reducing loneliness, and increasing the resilience of a group that already faces high levels of discrimination and exclusion. **Objective:** To analyze the family and interpersonal relationships of homosexual and bisexual individuals during the social isolation period of the COVID-19 pandemic. **Method:** A cross-sectional and analytical study was conducted with 1411 homosexual and bisexual individuals from the five macroregions of Brazil, from June to July 2020. A structured questionnaire with sociodemographic questions, a questionnaire about emotions experienced during COVID-19, and the Friendship Tolerance Assessment instrument were applied. The variables were presented in absolute values and percentages, described descriptively. The chi-square test was used to compare the groups regarding friendship tolerance

variables in family relationships and the overall tolerance level. Values of $p < 0.05$ were considered statistically significant. **Results:** There was no statistically significant difference between the groups regarding friendship relationships; tolerance in the family environment was satisfactory; both groups received help from friends to overcome pandemic-related tensions; and individuals from both groups believe there has been a change in friendship relationships during the pandemic period. Advancing age ($p = 0.031$) contributes to increased tolerance in friendship relationships ($p < 0.001$). However, being bisexual ($p = 0.021$), having a higher education level ($p = 0.01$), having an income between 2 and 4 minimum wages ($p < 0.001$), and experiencing a change in friendship relationships since the beginning of the pandemic ($p = 0.001$) contribute to lower levels of tolerance. **Conclusion:** Although various factors influence interpersonal relationships in this group, these bonds were essential for overcoming the adversities faced during the pandemic.

Keywords: Sexual and Gender Minorities; COVID-19; Family Relations; Interpersonal Relations; Health Inequality Monitoring.

RESUMEN

Introducción: Estudiar los vínculos interpersonales de personas homosexuales y bisexuales durante el aislamiento por COVID-19 es crucial para entender su impacto en la salud mental, ofreciendo apoyo emocional, reduciendo la soledad y aumentando la resiliencia. **Objetivo:** Analizar las relaciones familiares e interpersonales de personas homosexuales y bisexuales durante el período de aislamiento social en la pandemia de COVID-19. **Método:** Estudio transversal y analítico con 1411 homosexuales y bisexuales de las cinco macroregiones de Brasil, de junio a julio de 2020. Se aplicó un cuestionario estructurado con preguntas sociodemográficas, sobre las emociones vividas durante la COVID-19 y el instrumento de Evaluación de la Tolerancia en las Relaciones de Amistad. Las variables se presentaron de manera descriptiva, y para comparar las variables de tolerancia en las relaciones familiares y el nivel general de tolerancia, se utilizó la prueba de chi-cuadrado. Se consideraron estadísticamente significativos los valores de $p < 0.05$. **Resultados:** No hubo diferencia estadísticamente significativa entre los grupos en cuanto a las relaciones de amistad; la tolerancia en el entorno familiar fue satisfactoria. Ambos grupos recibieron ayuda de amigos para superar las tensiones relacionadas con la pandemia, y los individuos de ambos grupos consideran que ha habido un cambio en las relaciones de amistad durante el período pandémico. El avance de la edad ($p = 0,031$) contribuye al aumento de la tolerancia en las relaciones de amistad ($p < 0,001$). Sin embargo, ser bisexual ($p = 0,021$), tener un nivel educativo superior ($p = 0,01$), contar con un ingreso entre 2 y 4 salarios mínimos ($p < 0,001$) y haber experimentado un cambio en las relaciones de amistad desde el inicio de la pandemia ($p = 0,001$) contribuyen a niveles más bajos de tolerancia. **Conclusión:** Aunque existen diversos factores que influyen en las relaciones interpersonales de este grupo, estas fueron fundamentales para superar las adversidades enfrentadas durante la pandemia.

Palabras clave: Minorías Sexuales y de Género; COVID-19; Relaciones Familiares; Relaciones Interpersonales; Monitoreo de las Desigualdades en Salud.

Introdução

O SARS-CoV-2, causador da doença conhecida como COVID-19, é um beta coronavírus, responsável por uma síndrome predominantemente respiratória, originada na China, em Wuhan, na província de Hubei, em dezembro de 2019¹⁻³. Após a notificação chinesa e a disseminação por outros países europeus e asiáticos, foi emitido um decreto de emergência em saúde pública internacional em janeiro de 2020 e como um ato pandêmico em 11 de março do mesmo ano pela Organização Mundial de Saúde (OMS), solicitando aos países a acionar um plano de contingência para a contenção e supressão da doença infecciosa do COVID-19³.

No Brasil, foi declarada a transmissão comunitária da COVID-19 em 20 de março de 2020 através do Ministério da Saúde². Ademais a COVID-19 desenvolveu-se como uma infecção de alto potencial de contágio e sua transmissibilidade é dada por meio de contato com uma superfície contaminada, tosse ou espirros, aperto de mãos anterior à pessoa tocar o nariz, boca ou olhos e o contato por aerossóis, por meio de partículas <5mm suspensas no ar, que se mantém infecciosas numa longa distância e por muito tempo¹. No que tange ao Brasil, até o dia 20 de outubro de 2024, haviam sido notificados cerca de 38.968.268 casos, com 713.795 óbitos, colocando o país em quinto lugar no mundo em número de casos, mesmo após o "fim da pandemia" declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 5 de maio de 2023, três anos e três meses após a adoção da emergência global⁴.

No período pandêmico, devido sua elevada taxa de transmissibilidade e pelo modo de transmissão do vírus, foram adotadas medidas protetivas como a utilização do álcool gel a 70%, uso de máscaras cobrindo o nariz e a boca, lavagem das mãos e etiqueta respiratória⁵. Além disso, foram utilizadas estratégias de confinamento, distanciamento e isolamento social, como também a proibição de eventos que reuniam grande número de pessoas, fechamento de universidades, escolas e de serviços não essenciais, visando a diminuição da contaminação massiva pelo novo coronavírus⁶.

Nesse contexto, os indivíduos não tiveram uma alternativa a não ser se manterem em casa acompanhados e confinados com suas famílias, corroborando com uma série de consequências negativas àqueles que se encontravam dentro dessa

“bolha familiar”, como mau-humor, ansiedade, medo, pensamentos intrusivos, estresse e o desenvolvimento de transtornos mentais⁷. Não obstante a necessidade da mudança na dinâmica familiar trouxe maior proximidade no acompanhamento dos indivíduos no seio familiar, expondo e abordando temas relacionados ao gênero, identidade de gênero, sexo e orientação sexual⁷.

Nessa conjuntura, auto revelaram membros familiares pertencentes a grupos de lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, travesti e transexuais, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários e o + (o sinal de mais está aqui para indicar que a comunidade inclui mais expressões de gênero e de sexualidade) (LGBTQIAPN+), lidando com o desafio de assumirem a si mesmos (*outness*) e para os seus familiares (*coming out*) sobre sua orientação sexual e gênero, uma vez que não seguem os padrões construídos pela sociedade heteronormativa (papéis de gêneros esperados para os homens e mulheres), inclusive, muitas vezes, temendo a rejeição e emancipação por seus familiares. Ressalta-se que isto geralmente ocorre devido à quebra de expectativa que é gerada pelos indivíduos parentais em exercer e exigir papéis patriarcais, conservadores, racionalizadores e higienizadores, afetando a moral construída na bolha familiar⁸.

Com base nisso, visando o atendimento ao público LGBTQIAPN+ e conforme as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e no que tange a Política Nacional de Humanização (PNH), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) estabelece normas que promovem o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, e também conforme o que é regido pela Constituição Federal do Brasil de 1988, buscando garantir a cidadania e dignidade da pessoa humana⁹.

Diante de tais políticas e ao integrá-las ao sistema de seguridade social, garantem a condição da parte fundamental da saúde plena de um indivíduo, bem como alcance ao SUS com a mesma condição e privilégio estendidos a todos. Não obstante a PNSI LGBT tem como objetivo a diminuição das desigualdades comparadas a saúde para esses grupos, além de reduzir os problemas relacionados à

saúde mental, drogadição, alcoolismo, depressão e suicídio através das redes de prevenção, promoção e reabilitação da saúde⁹.

Para isso, o SUS conta com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que é destinada às pessoas em sofrimento psíquico ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de *crack*, álcool e outras drogas¹⁰, promovendo cuidados em saúde para aqueles grupos de pessoas mais vulneráveis, assim como a prevenção, promoção, reabilitação da saúde e a inserção das pessoas na sociedade, além de produzir e ofertar informações sobre direitos das pessoas, medidas de prevenção e cuidado¹⁰.

Portanto, ao se pensar na pandemia pela COVID-19 e no isolamento social, os desafios da comunidade LGBTQIAPN+ se tornaram maiores, uma vez que a maior convivência e alteração da dinâmica familiar favoreceram a menção desse polêmico assunto, carregando o medo e estressores da rejeição familiar em situações sociais, econômicas e sanitárias desfavoráveis.

Ainda o estudo dos vínculos interpessoais de homossexuais e bissexuais durante o isolamento da COVID-19 foi crucial para entender seu impacto na saúde mental e bem-estar dessa população, que já enfrenta altos níveis de discriminação e exclusão. Esses vínculos familiares e sociais podem oferecer suporte emocional essencial, reduzir a sensação de solidão e aumentar a resiliência em tempos de crise. Além disso, compreender essas dinâmicas pode orientar a criação de políticas públicas mais inclusivas e eficazes, assegurando que as necessidades específicas dos indivíduos LGBTQIAPN+ sejam atendidas durante emergências como a pandemia.

Logo o presente estudou se norteou pelo questionamento: como se dão as relações interpessoais durante a pandemia pela COVID-19 entre homossexuais e bissexuais? Desta forma o estudo teve como objetivo analisar as relações familiares e interpessoais de pessoas homossexuais e bissexuais durante o período de isolamento social na pandemia pela COVID-19.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal e analítico realizado com pessoas homossexuais e bissexuais das cinco macrorregiões brasileiras (Norte, Nordeste,

Sudeste, Sul e Centro-Oeste), entre junho e julho de 2020. Foram incluídos indivíduos que se declararam homossexuais e bissexuais, com mais de 18 anos, com acesso à internet por meio de inscrição em plataformas digitais sociais de relacionamento ou mensagens tais como: Facebook®, Instagram®, Twitter®, WhatsApp®, TikTok®, Telegram®. Foram excluídos os participantes que não preencheram de forma completa as questões dos instrumentos de pesquisa. Para tanto, utilizou-se uma amostra não probabilística do tipo conveniência, estabelecendo-se o encerramento da coleta de dados quando obtido um número mínimo de 800 homossexuais e bissexuais, incluindo todas as macrorregiões brasileiras.

A coleta de dados, realizada por meio de formulário do Google®, foi distribuída por meio de postagens e mensagens eletrônicas nas plataformas digitais supracitadas e dividida em três partes: 1) O questionário sociodemográfico, construído pelos pesquisadores, envolveu as seguintes variáveis: gênero, orientação sexual, raça, escolaridade, instituição de vínculo educacional, se moravam sozinhos(as) ou acompanhados(as), faixa de renda, natureza da instituição de vínculo (se houver, pública ou privada), macrorregião pertencente, profissão e idade. 2) Um questionário estruturado que abordou as emoções a respeito da pandemia de COVID-19 e conteve as seguintes perguntas: No seu ambiente familiar, a tolerância de amizade é satisfatória? Os seus amigos lhe ajudaram a superar as tensões vivenciadas durante o período de quarentena/isolamento social da COVID-19? Você acredita que houve mudanças nas suas relações de amizade desde o início da quarentena/isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19?

Para relações familiares e interpessoais foi utilizada a escala de Avaliação da Tolerância nas Relações de Amizade (ATRA)¹¹. O inventário é composto por 21 itens, dispostos em escala tipo *likert* de cinco pontos, em que: 1 – concordo totalmente, 2 – concordo parcialmente, 3 – não concordo e nem discordo, 4 – discordo parcialmente e 5 – discordo totalmente. Após a soma das pontuações assinaladas em cada item, obtêm-se os escores do grau da tolerância de amizade, sendo que quanto menor a pontuação, maior a tolerância das relações de amizade. Com base na média geral para a população pesquisada, a tolerância de amizade é dicotomizada em alta tolerância (quando o indivíduo apresenta escore superior à média da população) e

baixa tolerância (quando o indivíduo apresenta escore inferior à média da população). Os itens de maior média representam as situações em que há maior tolerância nas relações de amizade entre os indivíduos.

Para organização e análise dos dados, foi construído um banco de dados no programa Excel (Office 2020) e utilizado o *software Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 20.0. As variáveis quantitativas foram expostas em medidas descritivas: valores mínimos e máximos, média e desvio padrão. Ainda para comparar os grupos homossexuais e bissexuais quanto as variáveis de tolerância de amizade no relacionamento familiar e nível geral de tolerância, utilizou-se o teste de qui-quadrado. Valores de $p < 0,05$ foram considerados estatisticamente significativos.

E para avaliar o impacto das variáveis independentes sobre o nível de tolerância nas relações de amizade (desfecho), utilizou-se a regressão linear simples, com método *backward*¹² para a seleção das variáveis, o R² Ajustado como indicador de ajuste do modelo e o ANOVA (Teste F) como indicador de significância dele. Em cada modelo, variáveis com a menor correlação parcial foram excluídas até a obtenção do modelo final. O efeito de cada preditor sobre o desfecho nível de tolerância nas relações de amizade foi avaliado por meio dos valores de Beta, com significância estatística de 5%. A análise do Alfa de Cronbach demonstrou valor de 0,80 para os 21 itens do ATRA, o que atesta confiabilidade satisfatória ao instrumento.

Ademais este projeto faz parte de um estudo maior, intitulado: Tolerância nas relações de amizade no contexto da pandemia de COVID-19. O projeto foi submetido, via plataforma Brasil, para apreciação no Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado sob Parecer n. 4.113.127 em 26 de junho de 2020. Além disso, foram atendidas as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado e assinado antes da resposta aos instrumentos (em modo *on-line*) pelas pessoas que aceitaram participar da pesquisa.

Resultados

A população de acesso do estudo foi composta por 1411 indivíduos, sendo 623 homossexuais e 788 bissexuais. Conforme a Tabela 1, que apresenta os dados de caracterização sociodemográfica dos participantes, verifica-se predominância de indivíduos do sexo feminino 69,3% (n=978), com idade mediana de 23 anos e variação média de 25,11 anos, bissexuais 55,8% (n=788), da raça branca 57,7% (n=814), com Ensino Superior completo (57%) e que possuem vínculo com instituições públicas de ensino 37,7% (n=804). Além disso, há concentração de pessoas que não moram sozinhas 82,6% (n=1165) e que recebem entre 2 e 4 salários mínimos 30,5% (n=431), que moram na Região Sudeste 49% (n=692) e que são estudantes no momento 35% (n=494).

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos homossexuais e bissexuais participantes do estudo (n=1411). Brasil, 2020.

Variável	Categoria	n	%
Gênero	Masculino	424	30
	Feminino	978	69,3
	Outro	9	0,6
	Total	1411	100
Orientação Sexual	Homossexual	623	44,2
	Bissexual	788	55,8
	Total	1411	100
Raça	Branca	814	57,7
	Parda	359	25,4
	Amarela	23	1,6
	Preta	202	14,3
	Indígena	6	0,4
	Outra	7	0,5
	Total	1411	100
Escolaridade	Ensino Fundamental	6	0,4
	Ensino Médio	351	24,9
	Ensino Superior	804	57
	Pós-Graduação	177	12,5
	Mestrado	56	4
	Doutorado	17	1,2
	Total	1411	100
Instituição de	Pública	532	37,7

Vínculo	Privada	519	36,8	
	Nenhuma	360	25,5	
	Total	1411	100	
Mora sozinho?	Sim	246	17,4	
	Não	1165	82,6	
	Total	1411	100	
Faixa de Renda	Até 2 salários mínimos (R\$ 2.090)	379	26,9	
	Entre 2 e 4 salários mínimos (R\$ 2.090 – R\$ 4.180)	431	30,5	
	Entre 4 e 10 salários mínimos (R\$ 4.180 – R\$ 10.450)	420	29,8	
	Entre 10 e 20 salários mínimos (R\$ 10.450 – R\$ 20.900)	136	9,6	
	20 ou mais salários mínimos (mais que R\$ 20.900,00)	45	3,2	
	Total	1411	100	
Macrorregião	Centro-Oeste	286	20,3	
	Sudeste	692	49,0	
	Nordeste	181	12,8	
	Norte	44	3,1	
	Sul	189	13,5	
	Fora do Brasil	14	1,0	
	Não respondeu	3	0,2	
	Total	1411	100	
Profissão	Administrador	15	1,1	
	Advogado	27	1,9	
	Arquiteto	16	1,1	
	Autônomo	26	1,8	
	Biólogo	8	0,6	
	Biotecnologista	1	0,1	
	Desempregado	69	4,9	
	Designer	16	1,1	
	Docente	112	7,9	
	Dona de Casa	5	0,4	
	Engenheiro	14	1	
	Estudante	494	35	
	Outro	452	32	
	Profissional de Saúde	153	10,8	
	Não respondeu	3	0,2	
	Total	1411	100	
		Média	Mediana	Desvio-Padrão
Idade (anos)	25,11	23,00	6,70	2-68

Na Tabela 2, apresentam-se os dados da avaliação da tolerância nas relações de amizade entre os participantes. Observou-se que brigar frequentemente com os amigos; brigar mais com os amigos vistos frequentemente; fazer brincadeiras excessivas com os amigos; conviver melhor com amigos do mesmo sexo; e aceitar brincadeiras excessivas que os amigos fazem são as situações em que os bissexuais e homossexuais são mais tolerantes em suas relações de amizade. Todavia, de modo geral, há predomínio de baixa tolerância nas relações de amizade 55,2% (n=779) entre a população de estudo.

Tabela 2. Avaliação da tolerância nas relações de amizade de homossexuais e bissexuais durante a pandemia pela COVID-19 (n=1411). Brasil, 2020.

Tolerância nas Relações de Amizade		
Classificação Geral	n	%
Baixo	779	55,2
Alto	632	44,8
Total	1402*	100%
Itens de maior média no ATRA		
Item	Média	Desvio-Padrão
Eu brigo frequentemente com meus amigos	4,10	1,17
Brigo mais com os amigos que vejo frequentemente	3,73	1,38
Faço brincadeiras excessivas com meus amigos	3,37	1,42
Eu convivo melhor com amigos do mesmo sexo*	3,36	1,38
Aceito brincadeiras excessivas que os amigos fazem comigo	3,04	1,40

* 9 sujeitos não responderam ao item.

Na Tabela 3, apresentam-se os resultados da comparação da tolerância nas relações de amizade entre homossexuais e bissexuais. Assim verifica-se que não houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre os grupos (homossexual e bissexual) quanto às variáveis em análise, ou seja, o nível de tolerância nas relações de amizade é igual entre os grupos. A tolerância no ambiente familiar é satisfatória para ambos os grupos; ambos receberam ajuda dos amigos para superar as tensões relacionadas à pandemia; e os indivíduos dos dois grupos acreditam ter ocorrido mudança nas relações de amizade durante a pandemia. Ademais, é importante observar que no que tange à família, amigos foram pontos de ajuda para superar as tensões durante a pandemia e para os homossexuais, a tolerância é menor.

Tabela 3. Comparação da tolerância nas relações de amizade e variáveis entre homossexuais e bissexuais (n=1411). Brasil, 2020.

Variável	Categoria	Medidas	Orientação Sexual		P valor
			Homossexual	Bissexual	
No seu ambiente familiar a tolerância de amizade é satisfatória?	Sim	n	516	653	0,98
		%	36,60%	46,30%	
	Não	n	107	135	
		%	7,60%	9,60%	
	Total		623	788	
Os seus amigos lhe ajudaram a superar as tensões vivenciadas durante o período de quarentena/isolamento social da COVID-19?	Sim	n	512	650	0,88
		%	36,30%	46,10%	
	Não	n	111	138	
		%	7,90%	9,80%	
	Total		623	788	
Você acredita que houve mudanças nas suas relações de amizade desde o início da quarentena/isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19?	Sim	n	475	611	0,56
		%	33,70%	43,30%	
	Não	n	148	177	
		%	10,50%	12,50%	
	Total		623	788	
Nível de tolerância nas relações de amizade	Baixo	n	321	392	0,65
		%	22,90%	28,00%	
	Alto	n	302	387	
		%	21,50%	27,60%	
	Total		623	779	

Na Tabela 4, são apresentados os resultados da análise do impacto das características sociodemográficas sobre o nível de tolerância nas relações de amizade. O avanço da idade ($p=0,031$) contribuiu significativamente para o aumento da tolerância às relações de amizade ($p<0,001$). Já a orientação sexual bissexual ($p=0,021$), apresentar nível superior como escolaridade ($p=0,01$), possuir faixa de renda entre 2 e 4 salários mínimos ($p<0,001$) e ter sofrido mudança nas relações de amizade desde o início da pandemia ($p=0,001$) contribuíram a menor nível de tolerância nas relações de amizade. Esse modelo explicou 46% variância total da tolerância nas relações de amizade entre os grupos em análise.

Tabela 4. Impacto das características sociodemográficas e sociais nas relações de amizade entre homossexuais e bissexuais (n=1411). Brasil, 2020.

Coeficientes*	Beta (β)	P valor
(Constante)	4,092	<0,001***
Idade	0,064	0,031**
Orientação Sexual (Bissexual)	-0,063	0,021**
Escolaridade (Ensino Superior)	-0,075	0,01**
Faixa de Renda (Entre 2 e 4 salários mínimos)	-0,167	<0,001***
No seu ambiente familiar a tolerância de amizade é satisfatória? (Sim)	-0,045	0,094
Mudanças nas suas relações de amizade desde o início da quarentena (Sim)	-0,086	0,001**

* $r^2 = 0,46$

** Associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$).

*** Associação estatisticamente significativa ($p < 0,001$).

Discussão

Os dados obtidos neste estudo demonstraram que o gênero feminino 69,3% (n=978) representou a maioria dos participantes, o que ocorre também na população geral brasileira, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada ano de 2022¹³.

Já em relação a orientação sexual, a distribuição de bissexuais e homossexuais ficou entre 55,8% (n=788) e 44,2% (n=623), respectivamente e foi destoante à Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2019. De acordo com a PNS, cerca de 2,9 milhões de pessoas se declararam homossexuais ou bissexuais no país, o que corresponde a 1,9% da população adulta, destes 1,2% se declararam homossexuais e 0,7% se declararam bissexuais¹⁴.

Acredita-se que diversos fatores possam interferir na declaração da orientação sexual e, portanto, apresentar dados que dificultem a sua estratificação, como a cultura, tamanho da cidade em que residem, contexto familiar, inseguranças em abordar o tema com uma pessoa estranha, compreensão dos termos relacionados à orientação sexual, entre outros determinantes são fatores agravativos¹⁴. Logo, sugere-se a elaboração de instrumentos que possam intervir na coleta acurada de dados, minimizando os fatores que possam ocasionar interferências no momento da declaração da orientação sexual.

Ademais, o estudo demonstrou que 57,7% (n=814) dos participantes se identificaram como brancos, o que corrobora os achados de outro estudo¹⁵. Este dado pode ter relação ao fato de o estudo ter sido feito apenas com pessoas com acesso à internet e a maioria da amostra ter nível superior, 57% (n=804), explicado pelo formato da coleta de dados, o que de certa maneira limita o alcance de algumas pessoas, sobretudo àquelas em estado de vulnerabilidade social, como ocorre com os(as) negros(as)/pretos(as).

Outro fator relevante em relação à alta taxa de escolarização da amostra estudada é a possibilidade de que um maior nível de escolaridade esteja associado à busca por liberdade financeira e ascensão social. Segundo Motta e Schmitt¹⁶, o ambiente educacional promove uma nova socialização, inculcando valores, visões de mundo e práticas sociais que, muitas vezes, não são transmitidos pela experiência cotidiana. Assim, pode-se inferir que o aumento do nível de escolaridade entre homossexuais e bissexuais contribua para maior liberdade financeira e maior representatividade social.

Relacionado ao caráter da instituição de ensino de vínculo (se pública ou privada) a investigação demonstrou que 37,7% (n=532) estudam em instituições públicas, o que pode demonstrar a busca por experiências emancipatórias em termos acadêmico-profissionais, em oposição ao censo da educação superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira no ano de 2020, declarando que a maioria das pessoas (independentemente da orientação sexual) estão vinculadas às instituições privadas de ensino¹⁷.

Ademais, na obtenção dos resultados, foi aclarado que 82,6% (n=1165) da amostra não residiam sozinhos. É provável que a moradia em mesmo domicílio com outras pessoas possa ter ocorrido para complementar a renda de familiares/pessoas queridas, auxiliando nas diversas despesas demandadas no cotidiano, além de que a investigação tenha sido realizada no período pandêmico, representado por instabilidades econômicas e isolamento social¹.

Assim, no que tange à renda, constatou-se que 30,5% (n=431) declararam receber entre 2 e 4 salários mínimos. Contrariando este dado, um estudo análogo⁶, que foi realizado com 16.440 respostas válidas, demonstrou que 34% apresentavam

faixa salarial de até 2 salários mínimos. Supõe-se que a região de moradia justifique a diferença na faixa da renda, já que, a grande maioria dos participantes, são residentes de regiões mais centrais e privilegiadas do país, como o Sudeste, seguido do Centro-Oeste.

Ademais, conforme o IBGE¹⁴, a população de homossexuais ou bissexuais é maior entre os que têm nível superior e maior renda, no qual a maioria apresentou Ensino Superior completo e renda com mais de cinco salários mínimos. Fato que contraria a realidade da maior parcela da população brasileira, em que a renda média mensal no 1º trimestre de 2020 ficou em torno de R\$ 2.398,00 como apresentado pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua¹⁸.

Quanto à idade, a média dos respondentes foi de 25,11 anos. Em relação à profissão, 35% (n=494) declararam ser estudantes, o que reflete uma realidade comum na sociedade atual, especialmente entre brasileiros. Observa-se que uma grande parcela da população nessa faixa etária (igual ou superior a 24 anos) possui Ensino Superior completo, como constatado em outra investigação envolvendo o Brasil e mais cinco países da Europa e América Latina¹⁵.

Sobre o assunto, em concordância com outra investigação¹⁹, que analisou as redes de apoio social e saúde psicológica em jovens LGBTQIAPN+ durante a pandemia pela COVID-19 em diversos países como Portugal, Reino Unido, Itália, Brasil e Chile, apurou que do total dos respondentes, 50% são estudantes. Supõe-se que a busca pela instrução e aumento do nível de escolaridade possa formar indivíduos esclarecidos acerca de seus direitos, além do incentivo a sua autonomia e liberdade financeira.

No tocante à tolerância nas relações de amizade na pandemia pela COVID-19 foi observado a baixa tolerância em 55,2% (n=779) dos entrevistados. Embora fatores estressores para as relações interpessoais, como “brigar frequentemente com meus amigos; brigar mais com os amigos que vejo frequentemente; fazer brincadeiras excessivas com meus amigos; conviver melhor com amigos do mesmo sexo; e aceitar brincadeiras excessivas que meus amigos fazem comigo” sejam em suma bem aceitas por homossexuais e bissexuais, deduz-se que as bases das amizades conturbadas e as

limitações sociais do período da pandemia sejam o motivo pelo qual houve a queda da tolerância. Segundo Schlösser (2020)²⁰, as bases para as amizades são sustentadas em confiança, respeito e intimidade, havendo como fatores indispensáveis a lealdade, reciprocidade e companheirismo.

É importante lembrar que no período pandêmico, principalmente durante o isolamento social massivo, houve cenários limitantes às relações interpessoais por meio do contato físico e/ou presencial, mas que na existência de determinadas tecnologias de comunicação, essas limitações puderam ser amenizadas¹. Embora essa hipótese não tenha sido confirmada, nossas descobertas destacam a natureza complexa em que os padrões de tolerância podem ser avaliados. Pode ser que versões alternativas de avaliação, como estratificar os mecanismos de fortalecimento do vínculo de amizade durante a pandemia estabeleça maiores conclusões.

Na sequência, os dados obtidos no presente estudo demonstram que a maior parcela de homossexuais, 36,6% (n=516) e bissexuais, 46,3% (n=653) possui tolerância de amizade satisfatória em seu ambiente familiar. Tal achado traz a conjectura que a família é a unidade estrutural e funcional para um indivíduo, independente de variáveis sociais, mesmo que essa relação de apoio seja empobrecida e compensada em relações multisetoriais. Esses efeitos são compatíveis com os achados de outros estudos²¹, que denotam que os laços afetivos familiares são o centro da rede social, além de ser compreendida como a principal fonte de apoio e o primeiro núcleo social para a construção afetiva e formativa do indivíduo²².

De mais a mais, a rede familiar assim como o relacionamento conjugal durante o isolamento social, foram utilizados como recursos na busca de segurança, confiança e amor para os indivíduos, sendo a família a principal rede de apoio social, independentemente de sua orientação sexual²³. Além disso, altos níveis de ternura, carinho, companheirismo e delicadeza servem de grande apoio psicológico para os envolvidos, imprescindíveis para a manutenção da saúde mental²⁴.

Da mesma forma, os amigos da população estudada serviram de auxílio para superar as tensões do isolamento social da COVID-19 tanto para os homossexuais, 36,3% (n=512), quanto para os bissexuais, 46,1% (n=650). Supõe-se que esse fenômeno tenha ocorrido devido ao papel importante atribuído às relações

interpessoais de amizade, trajadas como essenciais, fomentadas entre indivíduos que possuem determinada compatibilidade em diversas vertentes de sua vida e que por isso, promovem apoio psicológico e satisfação geral com a vida. Em outro estudo²⁵, foi evidenciado que as amizades satisfazem diversas necessidades da vida tanto para gays, lésbicas e bissexuais quanto para heterossexuais, como se relacionar com alguém semelhante, ter a quem recorrer para ser consolado em momentos turbulentos e compartilhar experiências.

Ainda, resultados de outra pesquisa que avaliou a rede de apoio social de famílias homoafetivas formadas por mulheres²⁴ concluiu que as amizades são consideradas mais importantes do que as famílias ao se tratar de rede de apoio. É valoroso destacar que as amizades são componentes fundamentais em diversos contextos, elementos estes diretamente proporcionais a promoção e percepção da felicidade, da saúde mental, da saúde física, dos mecanismos de enfrentamento, aumento da expectativa da qualidade de vida²⁰. Logo, as relações interpessoais de amizade também são recursos imprescindíveis para lidar com as adversidades proporcionadas pela situação pandêmica, independente da orientação sexual do indivíduo.

Já na comparação da tolerância nas relações de amizade entre homossexuais e bissexuais, ambos apresentaram baixo nível de tolerância e não houve diferença significativa entre eles ($p < 0,05$). Apesar disso, no que tange à família e amigos, estes foram importantes na ajuda para superar as tensões durante a pandemia, sendo que, segundo a literatura²⁵, para os homossexuais, a tolerância é ainda menor. Não se sabe ao certo o motivo desse fenômeno, visto que a amizade é subsidiada por diversos critérios que o próprio indivíduo desenvolve ao longo de sua vida.

A amizade é uma relação bilateral íntima, mútua e voluntária, devendo haver disposição para investir em tempo livre na amizade, companheirismo, reciprocidade e intimidade. Além disso, devem dispor de expressão adequada de cuidado, preocupação, admiração e afeição, ajuda, aconselhamento, conforto e apoio emocional, demonstração de confiança, lealdade e estratégias de resolução de conflito²⁵. Assim, infere-se que a quebra ou a interferência de algum desses

dispositivos nas relações de amizade e a soma dos estressores gerados durante a pandemia são desencadeadores para a diminuição da tolerância.

Outrossim, falar sobre o relacionamento homoafetivo a familiares e amigos(as), por mais que haja uma tentativa da busca do bem-estar, tende a gerar perda de apoio, devido ao afastamento desses atores sociais, legitimando a baixa tolerância nessas relações. Portanto, é importante o suporte da própria comunidade LGBTQIAPN+, que também pode gerar um lugar de reconhecimento pessoal²⁴.

Além disso, foi verificado que a idade é um fator determinante para o aumento da tolerância nas relações de amizade ($p=0,031$), assim como apresentado estudo²⁰ que analisou os relacionamentos de amizades íntimas. Nele, foi observado que a maioria das relações de amizades íntimas foi estabelecida entre pessoas da mesma faixa etária, havendo formação de grupos entre pessoas mais jovens e outros grupos entre pessoas mais velhas. Supõe-se que esse fenômeno ocorra devido as pessoas das mesmas faixas etárias apresentarem semelhanças do que comparado às demais faixas destoantes, facilitando o processo de aproximação e convivência entre eles.

Observou-se, ainda, que a orientação sexual bissexual é um fator contribuinte para menor tolerância nas relações de amizade ($p=0,021$). Este achado pode ser explicado, pois tanto dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+ quanto fora, pode haver uma tendência a dividir as sexualidades de maneira binária (homo ou heterossexualidade), deixando a bissexualidade em um espaço de invisibilidade. Pessoas bissexuais, muitas vezes, são vistas como “indecisas”, “confusas” ou que precisam “escolher um lado”, o que retrata um estado de “bifobia” que apaga experiências e desafios únicos. Esse contexto de exclusão agrava sentimentos como solidão e confusão identitária. Dessa forma, pessoas bissexuais estão sujeitas a uma dinâmica particular de violência que produz efeitos relevantes à sua saúde mental, causando isolamento social, comportamentos evitativos e padrões de inibição social. Esse fenômeno também reflete uma dinâmica de poder dentro da própria comunidade, onde algumas identidades podem ser mais aceitas e representadas do que outras²⁵.

Em tempo, apresentar nível superior como escolaridade contribuiu para o menor nível de tolerância ($p=0,01$), o que provavelmente se deva ao fato de que a

maioria das pessoas com nível superior apresentam também idade mais avançada e junto com isso, os problemas oriundos das exigências sociais e profissionais culminam com maiores chances de fatores estressores. Estes dados se opõem aos resultados obtidos em outro estudo²⁰, no qual foi apresentado que a confraternização, integração e acolhimento proporcionados nas instituições de Ensino Superior são fatores que contribuem para o sequenciamento no desenvolvimento de novas amizades, que podem gerar bem-estar de modo geral. Somando-se a isso, a vivência acadêmica traz aspectos que proporcionam a busca do autoconhecimento e aprimoramento da inteligência emocional do indivíduo, sugerindo que a escolaridade superior seja capaz de desempenhar papéis que promovam a afetividade e cognição na empatia.

Também, apresentar renda mensal entre 2 e 4 salários mínimos ($p < 0,001$), a tolerância de amizade satisfatória no ambiente familiar ($p = 0,094$) e ter sofrido mudanças nas relações de amizade desde o início da pandemia ($p = 0,001$) contribuíram para o menor nível de tolerância nas relações de amizade. Isso se dá pelo fato das amizades caracterizem-se por uma homogeneidade em diversos aspectos, como sexo, idade, estado civil, escolaridade, status ocupacional, renda, religião, etnia, traços de personalidade, interesses e atividades compartilhadas²⁵.

Ainda no que tange à família, apesar de alguns familiares desaprovarem a orientação sexual, casais LGBTQIAPN+, por exemplo, buscam manter proximidade com suas famílias e afirmam que manter relacionamento próximo com seus familiares traz maior bem-estar e confiança, principalmente em momentos instáveis como os períodos pandêmicos²⁵.

Ainda se compreende que a renda foi uma das variáveis que mais sofreram alterações no percorrer da pandemia, trazendo em vigência a crise financeira e o desemprego¹⁷, provocando maiores abismos entre grupos sociais e influenciando diretamente sobre as perspectivas sociais.

Mais uma vez, fica evidente que impactos socioambientais, como os da COVID-19 apresentados neste estudo, geram implicações sociais e de saúde. Diante disso, os serviços de saúde precisam estar preparados para mitigar os efeitos causados por pandemias, os quais serão agravados pelos problemas cotidianos já enfrentados pela

população. Estes vão de encontro com a temática os transtornos mentais ocasionados pelos efeitos das migrações forçadas e eventos extremos. Logo adotar uma perspectiva de Saúde Planetária (relação entre a saúde humana e a saúde do planeta) é essencial para uma nova gestão em saúde.

Como limitações, destacam-se o fato de não retratar equitativamente todos os extratos sociais e etários da população bissexual e homossexual brasileira, não caracterizar os participantes quanto à identidade de gênero, segundo as macrorregiões, o que permitiria possíveis comparações das variáveis e desfecho entre as diferentes regiões brasileiras. Além disso, não há muitos estudos com esta abordagem na literatura científica, o que limitou a ampla discussão e debate sobre o tema. Nesse sentido, sugere-se a realização de outros estudos nacionais, com amostragem proporcional estratificada, a fim de que possa analisar e comparar as especificidades das macrorregiões durante a pandemia. Mas denota a importância das relações familiares e interpessoais para pessoas homossexuais e bissexuais no enfrentamento de adversidades, especialmente durante o período pandêmico. Além disso, reafirma as disparidades enfrentadas pelos bissexuais no que diz respeito à sua aceitação, tanto dentro quanto fora da comunidade LGBTQIAPN+.

Conclusões

Na amostra estudada observou-se o predomínio de participantes do sexo feminino, com idade média de 25 anos, bissexuais, da raça/cor branca, com Ensino Superior completo, estudantes, vinculados a instituições públicas de ensino, que não moravam sozinhos, recebiam entre 2 e 4 salários mínimos (R\$ 2.090,00 – R\$ 4.180,00) e eram oriundos das macrorregiões Sudeste e Centro-Oeste.

Logo não houve diferença estatística significativa entre os grupos (homossexual e bissexual) quanto às variáveis em análise, ou seja, o nível de tolerância nas relações de amizade é igual entre os grupos; ademais a tolerância no ambiente familiar é satisfatória para ambos; diversos receberam ajuda dos amigos para superar as tensões relacionadas à pandemia; e os indivíduos dos dois grupos acreditavam ter ocorrido mudança nas relações de amizade durante a pandemia.

Logo é importante salientar que a família e amigos ajudaram a superar as tensões vivenciadas.

O avanço da idade contribui significativamente para o aumento da tolerância nas relações de amizade, mas a orientação sexual bissexual (como já é consenso literário das faces da bifobia), apresentar nível superior, possuir faixa de renda entre 2 e 4 salários mínimos e ter sofrido mudança nas relações de amizade desde o início da pandemia, contribuíram para menor nível de tolerância.

Assim, embora haja diversos fatores que interferem nas relações interpessoais de pessoas homossexuais e bissexuais, elas foram imprescindíveis para a superação das adversidades enfrentadas pela pandemia de COVID-19, como fragilidade psicológica, financeira e social, mostrando a importância da manutenção das relações de amizade e familiares nesse período. Ainda os impactos socioambientais da COVID-19 trazem implicações sociais e de saúde, agravadas pelos problemas cotidianos. Uma abordagem de Saúde planetária (relação entre a saúde humana e a saúde do planeta) é fundamental para uma gestão eficaz dos serviços de saúde.

Referências

1. Cardoso DC, Café EP, Melo TM, Carvalho Filha FS, Moraes Filho IM. Evolução histórica mundial da COVID-19 e suas implicações para a saúde mental da enfermagem brasileira. REVisA [Internet]. 2022 [cited 2022 Dec 5]; 11(3): 341-55. <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n3.p341a355>
2. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde [Internet]. Brasília (DF): B.R. Guia de Vigilância Epidemiológica: emergência de saúde pública de importância nacional pela doença pelo coronavírus 2019 – COVID-19. Available from: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/2021/guia-de-vigilancia-epidemiologica-COVID-19-3.pdf/view>.
3. Souza AS, Amorim MM, Melo AS, Delgado AM, Florêncio AC, Oliveira TV, et al. Aspectos gerais da pandemia de COVID-19. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. 2021; 21(Supl1):S47-S64. <https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S100003>
4. Ministério da Saúde (BR). Painel coronavírus [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [citado 2024 out 20]. Disponível em: <https://COVID.saude.gov.br/>
5. Pereira MD, Oliveira LC, Costa CF, Bezerra CM, Pereira MD. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de

enfrentamento: uma revisão integrativa. RSD [Internet]. 2020 June 5 [cited 2022 Feb 27]; 9(7):e652974548. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>

6. Bezerra AC, Silva CE, Soares FR, Silva JA. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. Cien Saude Colet [Internet]. 2020 Apr [cited 2022 Feb 28]; 25(Supl1):2411-21.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>

7. Conejo LD, Chaverri-Chaves P, León-González S. Las familias y la pandemia de la COVID-19. REE [Internet]. 2020 Aug 04 [cited 2022 Feb 28];24(Supl):1:1-4.

<https://doi.org/10.15359/ree.24-S.10>

8. Nascimento GC, Scorsolini-Comin F. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. Trends Psychol [Internet]. 2018 [cited 2022 May 1]; 26(3):1527-41. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>

9. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa [Internet]. Brasília (DF): B.R. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. 1st ed. 2013. Available from:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf

10. Garcia PT, Reis RS. Redes de atenção à saúde: Rede de Atenção Psicossocial – RAPS. São Luís: EDUFMA; 2018.

11. Moraes-Filho IM, Carvalho LF, Melo LE, Marcelo MR, Santos YM, Fari MR. Construção do instrumento para avaliação da tolerância nas relações de amizade. Rev. Cient. Sena Aires [Internet]. 2019 [cited 2022 Feb 10]; 8(1):71-9. Available from:

<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/383>.

12. Favero LP, Belfiore P. Manual de Análise de Dados - Estatística e Modelagem Multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®. 1a. ed. São Paulo: GEN LTC; 2017.

13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 1º trimestre [Internet]. 2022 [cited 2022 May 16. Available from: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques>.

14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019 [Internet]. 2022 [cited 2022 May 25]. Available from:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>.

15. Cerqueira-Santos E, Ramos MM, Gato J. Indicadores de distress entre jovens LGBTQ+ durante o isolamento social pela COVID-19 no Brasil. Rev. bras. psicoter. 2021; 23(2):35-46. <https://doi.org/10.5935/2318-0404.20210024>
16. Motta PR, Schmitt VG. Transformação individual, ascensão social e êxito profissional. Rev. Adm. Pública. 2017; 51(3):451-61. <https://doi.org/10.1590/0034-76122017-0095>
17. Moraes-Filho IM, Sousa TV, Carvalho-Filha FSS, Pereira MC, Vilanova JM, Silva RM. Fatores sociodemográficos e emocionais associados a tolerância nas relações de amizade na pandemia pela COVID-19. Rev. Enferm. UFSM. 2021; 11(e2): 1-17. <https://doi.org/10.5902/21797692531>
18. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 1º trimestre. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores.html>.
19. Gato J, Seabra D. Redes de apoio social e saúde psicológica em jovens LGBTQ+ durante a pandemia de COVID-19: relatório de divulgação de dados preliminares. Porto: Universidade do Porto e Ordem dos Psicólogos Portugueses, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação; 2020.
20. Schlösser A. Elementos caracterizadores das representações sociais da amizade para universitários. Revpsico. 2020; 11(1):12-23. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.11.1.2020.1>
21. Santos NP, Abreu PD, Araújo EC, Freitas NO, Araújo HV, Santos CB. Relações familiares da rede social de jovens homossexuais masculinos. Rev. Bras. Enferm. 2020; 73(6):e20190393. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0393>
22. Rodrigues MA, Carmo M. A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo fenomenológico. Rev. abordagem gestalt. 2013; 19(1):12-20. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a03.pdf>.
23. Silva Júnior EG, Eulálio MC. Resiliência para uma velhice bem-sucedida: mecanismos sociais e recursos pessoais de proteção. Psicol. cienc. prof. 2022; 42:e234261. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003234261>
24. Sanches IR, Pelissoli MS, Lomando EM, Levandowski DC. Rede de Apoio Social de Famílias Homoafetivas Formadas por Mulheres. Gerais, Rev. Interinst. Psicol. 2017; 10(2):176-93. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200004
25. Cruz BF, Lima MLC, Carneiro LRC. Faces da bifobia dentro (e fora) da comunidade LGBTQIAP+: reflexões a partir de narrativas de pessoas bissexuais. Sex, Salud Soc (Rio J). 2022;(38):e22207. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.SESS.2022.38.E22207.A>